

A OFENSIVA POLÍTICA DOS EUA SOBRE A AMÉRICA LATINA NA VISÃO ALEMÃ: UMA FACE DO CONFRONTO INTERIMPERIALISTA (1938)

*Helder Gordim da Silveira**

1 - INTRODUÇÃO

A situação particular da inserção latino-americana no sistema capitalista internacional nos anos 30 — durante a conjuntura de crise generalizada do sistema — apresentava um acirrado processo de disputa político-econômica entre os principais centros hegemônicos internacionais, em torno da manutenção ou ampliação de suas respectivas posições no subcontinente.

Os EUA e a Alemanha, na condição de potências-líderes de dois sistemas imperialistas antagônicos, estabelecem, notadamente a partir da segunda metade da década, estratégias mais ou menos sistemáticas de penetração nos organismos econômicos e políticos latino-americanos, com vistas na urgente manutenção (e conquista) de importantes setores de mercado periférico.

Ademais, à medida que o conflito militar se desenhava mais nitidamente no quadro da crise capitalista, o controle político e a preservação de zonas estratégicas — sobretudo por parte dos EUA — intensificam os interesses destes centros de poder internacional na América Latina.

No plano político-ideológico, particularmente, este processo de disputa traduzia-se no confronto entre o discurso pan-americanista, por parte dos EUA, e a propaganda nacional-socialista, desencadeada pela Alemanha no subcontinente, sobretudo nos países do Cone Sul.

O Pan-americanismo, negociado diplomaticamente e veiculado por meio da imprensa, do cinema e do intercâmbio cultural — no âmbito da **Política da Boa Vizinhança**, de pós 1933 — parecia controlar os principais setores de formação da **opinião pública** latino-americana e possuir trânsito preponderante na maioria dos círculos governamentais, embora com resistências bastante consideráveis em todas essas áreas.¹

O nacional-socialismo, por seu turno, apresentava-se com grande vitalidade ideológica, sobretudo em virtude da crítica feroz que exibia ao liberalismo político e econômico em crise, mas também pela "capacidade mobilizadora das massas, a aparência revolucionária e a promessa de realização de uma nova ordem".² Contudo, o nazismo ressentia-se da fraqueza determinada por sua "dimensão irredutivelmente alemã"³, o que limitava severamente sua eficácia às populações de imigrantes e seus descendentes. O milagre alemão, entretanto, impressionava vivamente importantes esferas de influência política latino-americanas e, sobretudo, era alvo de grande admiração nos setores militares, principalmente no Brasil, na Argentina e no Chile, mas não apenas nesses países.⁴

Considerando de forma particular o ano de 1938 — marcado pelo recrudescimento da crise européia e pela definição mais nítida da proximidade da guerra — este trabalho pretende propor uma análise aproximativa sobre a reação da diplomacia alemã diante da notável ofensiva política dos EUA sobre a América Latina no período, refletida, entre outros pontos, em um programa de propaganda anti-germânica, a partir de então bem mais enfático e decidido.

Buscamos verificar como as representações diplomáticas alemãs nos países do subcontinente interpretam e de que forma sugerem a Berlim reorientações de atitudes e modos de reação contra o incremento da política anti-germânica desencadeada por Washington.⁵

Evidenciamos os aspectos da referida **reação alemã** que parecem fundamentais, a julgar pela visão de Berlim e dos representantes germânicos na América Latina: a questão do controle da grande imprensa na região pelas agências de notícias norte-americanas e o problema do germanismo associado à ação do Partido Nazista no subcontinente.

2 - A QUESTÃO DA IMPRENSA

Um dos temas de maior destaque e de reiterada ênfase na correspondência diplomática alemã das embaixadas latino-americanas diz respeito ao enorme grau de

influência dos EUA na **grande imprensa** dos países latinos e, conseqüentemente, a abundante propaganda anti-germânica eiculada por esses órgãos de comunicação de massa.

Von Schoen, embaixador no Chile, em relatório de 8 de março, dá conta de que "uma espécie de psicose de guerra" (p. 19) estava sendo produzida naquele país por meio da imprensa americana, notadamente a agência **United Press**, que, segundo o diplomata, detinha um "completo monopólio sobre as notícias" (p. 19). É evidente que a expectativa de guerra somada ao pan-americanismo e à boa-vizinhança de Roosevelt criava um ambiente francamente desfavorável à Alemanha, o que parece ser, de fato, a preocupação central de Von Schoen.

Von Rudt, da embaixada no México, em relatório de 8 de abril (p. 31), apesar de não dar grande importância à propaganda anti-germânica no país, chegando a considerá-la quase inexistente, não deixa de reconhecer que a imprensa americana e os serviços telegráficos influenciavam a opinião pública "muito desfavoravelmente contra nós" (p. 32), nos termos do embaixador.

Bem mais enfático quanto à questão é o embaixador alemão no Uruguai, em relatório de 21 de abril: "... é de grande importância o resultado indireto da influência dominante da **United Press** e da **Associated Press**. Essas duas agências, com seus serviços de notícias, dominam tão completamente o público que pelo menos os problemas europeus são vistos sobretudo através das lentes norte-americanas". (p. 35)

Ritter, o embaixador no Brasil, parece ser o único a não emprestar relevância à questão da propaganda anti-germânica pela imprensa. Em relatório de 30 de março, atribui a apenas "um setor da imprensa" (p. 27) a veiculação sistemática de artigos anti-germânicos cuja inspiração seria ora, segundo o diplomata, de "judeus, emigrés, padres católicos irados, alemães descontentes e desafetos" (p. 27) e, em muito pouca medida de "verdadeiros inimigos da Alemanha" (p. 27). Contudo, o próprio Secretário de Estado alemão, Weizsacker, em telegrama a Ritter, de 14 de maio (p. 53), parece não compartilhar da opinião do embaixador a respeito da questão imprensa. Informando a Ritter que recebera o embaixador brasileiro na Alemanha para tratar da delicada questão das prisões de agentes do partido no Brasil por acusação de envolvimento na tentativa de golpe integralista. Durante a entrevista, o que evidencia a importância que dava à questão, mencionara que "temos observado a violenta propaganda norte-americana contra os alemães no Brasil" (p. 53) e não deixara mesmo de sugerir ao Representante brasileiro em Berlim que este insistisse junto a seu governo no sentido de que fossem "tomadas medidas contra essa atividade inflamatória dos jornalistas norte-americanos" (p. 54).

Na verdade, a Imprensa assume tal importância no episódio motivador do referido telegrama, que o próprio Ritter sugere que a imprensa alemã passe a tratar o caso brasileiro com maior dureza, no que é atendido pelo Secretário de Estado (p. 54). Quanto à mesma questão, Ritter, de forma um tanto contraditória em relação à opinião que anteriormente emitira, dá grande importância, em telegrama de 13 de maio, à propaganda da América do Norte, a qual, segundo o diplomata, "acusa os alemães de se terem organizado na véspera da revolta de ontem" (p. 51). Queixa-se ainda Ritter da condescendência do governo brasileiro para com tal propaganda (p. 51).

Em memorando do Secretário de Estado de 18 de maio, o "término da campanha de imprensa" (p. 66) é colocado como condição fundamental para a normalização das relações entre o Brasil e a Alemanha, no que se refere ao problema das prisões mencionadas.

A ofensiva ideológica dos EUA é igualmente refletida na imprensa argentina, a julgar pelo relatório do Embaixador Termann, de 18 de maio (p. 75). Procurando apontar as principais razões determinantes do sentimento anti-germânico então evidenciado em importantes países sul-americanos, o Embaixador enfatiza: "nem é necessário explicar-se que, como no Brasil, são principalmente os grupos norte-americanos que estão atrás de toda essa propaganda anti-germânica" (p. 75). No mesmo relatório, o Embaixador dá conta de que pela primeira vez os grandes jornais diários, conduzidos por **La Prensa** — considerado "muito controlado em tais assuntos" (p. 77) — haviam criticado duramente o aparecimento de unidades esportivas em uniformes pardos durante a parada memorial do **Langemarck**. Os jornais teriam ainda criticado o chamado "concerto das mil crianças alemãs" (p. 77), no qual, queixa-se o diplomata, apenas 25% das crianças eram efetivamente de nacionalidade alemã, segundo a jurisprudência argentina (p. 77). O embaixador menciona ainda a existência de outros episódios sem maior significância que teriam sido objeto de larga exploração pela imprensa. Cita o caso de uma escola alemã no território de **Misiones**, que ostentava a denominação **Escola Nacional Socialista Alemã**, o que teria causado a intervenção do governador e a prisão do líder da célula local.

É na América Central, entretanto, que a diplomacia alemã sente de forma mais direta e incisiva o controle da imprensa por parte dos EUA. Não é outro o sentido da declaração do Ministro na América Central e no Panamá, **Reinebeck**, em relatório de 14 de novembro: "Os resultados da propaganda inescrupulosa da imprensa norte-americana são evidentes aqui em um grau amedrontador" (p. 14). E, referindo-se à recente crise europeia: "poucas vezes todo um povo foi tão unanimemente orientado contra a Alemanha (...)" (p. 140). Ainda em relação à crise, queixa-se o diplo-

mata: "a técnica das manchetes excedeu-se em seus esforços para acusar uma Alemanha belicosa de ameaçar a paz mundial. Os raros noticiários que faziam justiça à posição alemã eram sistematicamente colocados em lugar sem destaque, freqüentemente nas últimas páginas ou páginas internas dos jornais" (pp.139-140). Conclui ainda o diplomata: "declarações pró-alemães não conseguiam espaço ou público" (p. 140).

Como reação a tal situação, o Ministro chega a sugerir o estabelecimento de uma agência de notícias com sede na Guatemala, a qual já estaria sendo preparada (p. 140).

Durante a reunião em Montevidéo dos chefes de Missão na Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, em julho, a questão imprensa é tratada de forma particular e são sugeridos os termos gerais de uma reação diante do controle norte-americano dos órgãos de divulgação, em vista do recente incremento nestes da propaganda anti-germânica (p. 107). Os embaixadores Ritter, Von Thermann, Von Schoen e o Ministro Lagmann concluem que a propaganda alemã não deveria ser veiculada em órgãos da imprensa local, por motivos óbvios. Advertem que "muito mais dinheiro tem que ser gasto" (p. 107) na tentativa de contrabalançar a recente ofensiva norte-americana no setor. Chegam a sugerir em relação ao caso que "a única forma apropriada seria a de obter influência financeira dominante sobre um grande jornal diário" (p. 107). E acrescentam: "a pressão exercida pela colocação e retirada de anúncios não é suficiente neste caso" (p. 107).

Os diplomatas sugerem ainda, de forma complementar, o envio de jornais alemães para as Missões na América do Sul, a suplementação dos serviços da **Transocean** entre a Alemanha e a América do Sul, bem como a extensão e o desenvolvimento das atividades do transmissor em ondas curtas (p. 108).

Em suma, comparando-se o peso das queixas com o do possível alcance da reação sugerida, a balança parece pender para o lado dos fatores que motivaram aquelas. A diplomacia alemã, a julgar pelos documentos referidos, mostra-se enormemente assustada e, em larga medida, impotente diante do monopólio de informação que os EUA manipulam, pode-se igualmente inferir, com extrema eficácia e precisão de objetivos.

3 - O GERMANISMO E A AÇÃO DO PARTIDO

Se a ofensiva norte-americana no setor da grande imprensa determinou, como reação por parte da diplomacia alemã, apenas uma espécie de constatação da impos-

sibilidade de fazer frente, ao menos em pé de igualdade, à situação, o mesmo não se verifica em relação às mudanças de estratégia dos programas culturais e da ação do partido junto aos grupos de imigrantes, sobretudo no Brasil e na Argentina. Neste caso, a reação contra o antigermanismo parece traduzir-se em um tipo de recuo tático. Uma vez perdida grande parte das possibilidades de atuação junto à **opinião pública** dos países latinos, a diplomacia alemã não parece disposta a permitir que isso prejudique a ação junto aos imigrantes e seus descendentes, o que parece, de fato, ser prioritário. O referido recuo revela-se na sugestão das embaixadas no sentido de que a ação do partido fosse, na medida do possível, completamente dissociada da ação dita "cultural" junto aos imigrantes. Tal sugestão significava o abandono imediato das manifestações mais ostensivas dos rituais nazistas, muito freqüentes até então, notadamente no sul do Brasil e na Argentina, importantes núcleos de colonização germânica. Parecia vital que a ação do partido não se confundisse com a preservação e o exercício das tradições germânicas. Tratava-se, na verdade, de **camuflar** ao máximo a atuação política com o objetivo de preservá-la para momentos mais favoráveis, talvez então aguardados.

Parece ser essa precisamente a preocupação de Ritter, em relatório de 30 de março (p. 27). O diploma expressa, então, grave preocupação com as atitudes do governo Vargas contra organizações e membros do Partido. Segundo Ritter, o governo brasileiro demonstrava fortes temores de que a colônia alemã fosse inevitavelmente alvo da ação do Partido, o que explicaria, na visão do embaixador, "a supressão ocasional de escolas alemãs e da língua alemã nas Igrejas, assim como a atitude hostil contra toda forma de ação unida e exclusiva dos elementos germânicos (...)" (pp. 28-29). Ritter já expressa, então, a estratégia de desvincular o germanismo da ação política, afirmando que já fizera esforços no sentido de argumentar junto ao governo de que a ação do Partido era "estritamente limitada aos nacionais alemães" (p. 28), o que excluiria os **Volksdeutsche** do sul. No mesmo relatório Ritter parece considerar irreversível a proibição das atividades do partido nos estados daquela região.

Com a tentativa de golpe integralista, Ritter tem de enfrentar sério comprometimento nas relações Brasil-Alemanha, diretamente relacionada à questão das atividades do partido. Conforme mencionamos, acusava-se a organização nazista de haver participado diretamente no episódio. De boatos pela imprensa, passou-se rapidamente à prisão de elementos do partido de nacionalidade alemã, com base em provas frágeis ou praticamente inexistentes, segundo o julgamento da diplomacia germânica. No episódio, parece novamente ficar evidente a preocupação alemã em proteger a colônica e o germanismo da perseguição ao partido, mesmo sob o pretexto de um recuo nas atividades deste. De fato, um telegrama de 14 de maio (p. 53), o

secretário de Estado Weizsacker faz ver a Ritter que, apesar da gravidade da prisão de nacionais alemães ligados ao Partido, o que de fato estava em jogo na questão era "o prestígio e a preservação da colônia alemã no Brasil" (p. 54). Em memorando de 18 de maio (p. 65), ainda tratando do mesmo problema, Weizsacker é bastante claro quanto à questão. Enfatiza na ocasião que alertara o embaixador brasileiro em Berlim de que "sobretudo protegemos os interesses dos nacionais alemães, mas que a opinião pública alemã não pode ficar indiferente se *Volksdeutsche* foram perseguidos apenas por causa de sua origem, e se não se puserem freios aos ataques contra a civilização e a cultura germânica" (p. 66). Parece clara a intenção de desvincular a atuação dita **cultural** das atividades mais explicitamente políticas, embora fosse realmente difícil esconder o fato de que aquelas constituíam um meio para o desenvolvimento destas, o que não passava despercebido aos setores antigermânicos do governo e da **opinião pública** no Brasil.

A orientação do Secretário de Estado parece ser idêntica em relação aos problemas com as atividades do partido na Argentina. Em memorando de 18 de maio, endereçado a Thermann (p. 71). Weizsacker relata a entrevista que tivera a respeito com o representante argentino na Alemanha. Este, segundo o relato do Secretário, revelara, na oportunidade, a insatisfação com o modo ostensivo pelo qual o Partido atuava em solo argentino. O diplomata referia-se especificamente aos "comícios, tropas uniformizadas, exercícios e fatos semelhantes (...) — coisas que não agradavam ao gosto do povo argentino" (p. 72). Na verdade, a questão da Dupla Nacionalidade complicava sobremaneira os problemas com a Argentina, o que foi devidamente salientado pelo representante diplomático daquele país junto ao Secretário de Estado Alemão. Vale dizer, na Argentina tornava-se bem mais difícil para a diplomacia alemã vender a imagem de um partido atuante apenas junto aos nacionais alemães, com exclusão dos *Volksdeutsche*, pois na verdade, era impossível para Argentina e Alemanha chegarem a um acordo a respeito de quem, juridicamente, era alemão ou argentino de origem alemã. Apesar da gravidade adicional do problema na Argentina, o Secretário de Estado alemão parece fazer suas as sugestões do representante sul-americano no sentido de, ao menos, amenizar o problema. Sugerira, nesse sentido, o Secretário de Estado alemão que "nós deveríamos reorganizar nossas organizações partidárias na Argentina e substituí-las por outras menos agressivas e de aparência inofensiva" (p. 73). Acresce ainda Weizsacker, certamente como uma sugestão de conduta, que o representante argentino em Berlim sugerira que o Partido passasse a se conduzir naquele país "de maneira não política e não oficial" (p. 73). Em suma, o recuo tático nas ações políticas alemãs a que vimos fazendo referência, parece também verificar-se no caso argentino. Em relatório, igualmente de 18 de maio (p. 75),

o embaixador na Argentina revela também a reiterada preocupação alemã em não permitir que a onda antigermânica e de perseguição ao partido na América Latina se estendesse ao elemento *Volksdeutsche* e à "civilização germânica". Diz Thermann muito claramente: "se (...) nos perguntarmos como ainda será possível salvar o que possa ser salvo do elemento germânico aqui, o problema de separar nacionais alemães dos *Volksdeutsche* surge necessariamente" (p. 79). Uma vez realizada tal separação, o Partido poderia atuar junto aos nacionais alemães, sugere o embaixador, sob a forma de "uma associação com objetivos puramente culturais" (p. 79), a qual evidentemente "teria de ser dirigida inteiramente de acordo com as linhas do nosso movimento" (p. 80). Quanto aos *Volksdeutsche*, teriam a incumbência precípua de "manter as grandes instalações alemãs para futuras gerações, tais como o Hospital alemão, as escolas, os centros médicos, os clubes, as Igrejas etc." (p. 80). Ou seja, trata-se novamente da estratégia de manter o germanismo, tanto quanto possível, dissociado das atividades claramente políticas, sempre como um recuo temporário diante da conjuntura desfavorável, como a expressão "gerações futuras", utilizada por Thermann, parece deixar claro. Em novo relatório de 7 de junho (p. 93), Thermann volta a insistir na tese do recuo: "é da maior importância que não lhes forneçamos motivos para provocações de qualquer espécie" (p. 94).

Tal posicionamento de recuo político e preservação cultural (esta obviamente com finalidades políticas, em última análise), parece ser inteiramente ratificado e formalizado por ocasião da reunião em Montevideo dos chefes de Missão na Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, acima mencionado. Na análise da posição alemã na conjuntura política latino-americana, os diplomatas consideram absolutamente insustentável que o país repudie, a nível oficial, qualquer acusação de que tenha objetivos ligados a planos de poder na América Latina e que "limite sua ação a objetivos culturais e econômicos" (p. 104). Advertem claramente: "Em Lima, provavelmente será feita uma tentativa para esmagar as organizações do Partido em toda a América do Sul" (p. 104-105). Quanto ao germanismo, a indicação é igualmente cristalina: "uma separação orgânica dos nacionais alemães e dos *Volksdeutsche* é necessária" (p. 105). Ainda quanto ao Partido, reiteram os representantes diplomáticos de que este "se conduza em público (...) dentro de estritos limites" (p. 105). Uma advertência explícita é feita no sentido da moderação quanto ao uniforme, à saudação alemã, à ostentação da insígnia e da bandeira", particularmente nas escolas" (p. 105).

Quanto às escolas e associações de caráter cultural, é repetida de forma enfática a sugestão de que sejam entregues exclusivamente a elementos *Volksdeutsche* e que não se procedam a atividades políticas em seu interior. É dada ênfase à necessidade de preparo de professores de origem alemã para atuarem nas escolas *Volks-*

deutsche, inclusive com formação complementar na Alemanha, o que evidencia, mais uma vez, o caráter tático do recuo nas atividades estritamente políticas.

4 - CONCLUSÃO

Considerando-se os dois tipos de reação evidenciados pela diplomacia alemã diante da conjuntura antigermânica na América do Sul -- desencadeada sobretudo pela ofensiva político ideológica dos EUA no continente -- parece lícito supor que, pelo menos no que se refere aos aspectos analisados, há uma clara retração da penetração alemã. Seja ela aparente impotência demonstrada na questão do controle norte-americano na imprensa, seja pela necessidade de um recuo, ainda que pretensamente temporário, nas atividades do partido -- evidenciada na questão da preservação do germanismo -- parece claro o fato de que a diplomacia alemã sente de forma muito evidente a eficácia política do sentimento anti-alemão alimentado e, em grande medida, criado pela ação norte-americana. De forma geral, a diplomacia germânica parece, então, reconhecer, ao menos temporariamente e quanto aos aspectos aqui analisados, que a manutenção de suas posições na América Latina requeria um cauteloso exercício de reorientação política e um máximo de modéstia na fixação de prioridades.

- * Deptº de História - IFCH
PUCRS
Porto Alegre - RS

NOTAS

1. Cf. por exemplo, Connel-Smith, Gordon. *Los Estados Unidos y La America Latina*. Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1977, pp. 774 a 215.
2. Moura, Gerson. *Autonomia na Dependência: A Política Externa Brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, p. 136.
3. *Ibid.* p. 136.
4. Sobre a influência nazi-germânica no Brasil, cf., por exemplo, Seitenfuz, Ricardo A.S. *O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos 1930-1942. O Processo de Envolvimento Brasileiro na 2ª Guerra Mundial*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1985. pp. 91 a 101.
5. As fontes aqui trabalhadas constituem a correspondência diplomática alemã publicada pelo Departamento de Estado, o *Foreign Office* e o governo francês, segundo a tradução e a edição no Brasil (*O III Reich e o Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Laudes, 1968). Todas as demais citações deste trabalho referem-se a esta obra, cujas páginas passamos a indicar diretamente no texto.